



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 3

---



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,  
Linguísticas e Artes 3

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-281-4

DOI 10.22533/at.ed.814192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.  
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Aproximar as diferentes áreas do saber com a finalidade de propor reflexões e contribuir com a formação dos sujeitos significa potencializar as habilidades que cada um traz consigo e, ao mesmo tempo, valorizar os múltiplos saberes, correlacionando com as questões que necessitam ser reestruturadas.

Neste terceiro volume da coletânea, os propósitos comunicativos e de divulgação científica dos conhecimentos produzidos no campo das Letras, Linguística e das Artes são cumpridos por aproximar e apresentar aos leitores vinte e nove reflexões que, certamente, problematizarão as questões de trabalho com as ciências da linguagem e da atuação humana.

O autor do primeiro capítulo problematiza o processo de letramento dos sujeitos com deficiência visual, destacando a relevância do trabalho de revisão textual em Braille e da atuação do profissional Revisor de textos em Braille, ampliando as questões referentes à inclusão e às políticas de acessibilidade. No segundo capítulo, os autores abordam as dificuldades referentes à leitura e produção textual nas turmas de 6º e 8º anos do Ensino Fundamental, de uma instituição da Rede Pública. No terceiro capítulo é apresentado um relato do processo de redução orquestral para piano da Fantasia Brasileira de Radamés Gnattali, composta em 1936.

No quarto capítulo são apresentadas as observações na recepção do leitor/receptor com a poesia, na leitura de poemas escritos e multimodais e como a sonoridade interfere na interpretação dos poemas e a proximidade do leitor com tal tipologia. No quinto capítulo, o autor propõe como reflexão o ensino e a aprendizagem de língua inglesa no Brasil, considerando os fatores socioculturais e linguísticos. No sexto capítulo é tematizado o sentido da arte para o público que agiu como coautor de uma instalação artística realizada no espaço expositivo de uma instituição mineira.

No sétimo capítulo, o autor apresenta uma leitura das metáforas metalinguísticas do escritor Euclides da Cunha, nos livros *Os Sertões* e *Um paraíso perdido*. No oitavo capítulo, o autor revela as etapas de realização do I Salão Global da Primavera. No nono capítulo, a autora analisa como as animações do Studio Ghibli, sob comando dos diretores Miyazaki e Takahata como desenvolvimento do cinema japonês.

No décimo capítulo, os autores abordam sobre o processo histórico de revitalização do Nheengatu ou Língua Geral Amazônica. O décimo primeiro capítulo tece sintéticas considerações no processo de reconhecimento e metodologias para o ensino de Arte. No décimo segundo capítulo são discutidas as abordagens sobre gênero e como tais questões estão presentes na obra *O Matador*, da escritora contemporânea Patrícia Melo.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a participação da mulher no processo histórico de consolidação do samba de raiz. No décimo quarto capítulo, o ensino de Literatura aos alunos com surdez simboliza o objeto de letramento dos sujeitos. No décimo quinto capítulo, a autora apresenta um estudo de caráter

documental, reunindo e expondo as informações referentes à poesia Sul-matogrossense, de Dora Ribeiro.

No décimo sexto capítulo, o autor faz uma leitura ampla do disco *Sobrevivendo no Inferno*, 1997, do Racionais MC's. No décimo sétimo capítulo, o autor aborda as noções de veracidade e verossimilhança em *No mundo de Aisha*. No décimo oitavo capítulo a discussão volta-se para a questão da mobilidade acadêmica internacional de estudantes brasileiros, como forma de produção do conhecimento além-fronteiras. No décimo nono capítulo há uma reflexão crítica a respeito dos discursos do sucesso na sociedade atual, tendo como instrumental teórico e metodológico a *Análise do Discurso* derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux.

No vigésimo capítulo, os autores expõem a cultura togolesa em relação aos aspectos econômico, social, educacional e ambiental. No vigésimo primeiro capítulo, os autores utilizam na discussão do trabalho a pesquisa autobiográfica proposta por Joseph Campbell. No vigésimo segundo capítulo, o autor traz à discussão a temática da luta contra a ditadura do teatro brasileiro, enfatizando a escrita e a atuação de Augusto Boal.

No vigésimo terceiro capítulo, a autora discute a valorização da identidade nacionalista em consonância com a crítica social presentes na produção poética santomense de autoria feminina. No vigésimo quarto capítulo, os autores disseminam reflexivamente alguns conceitos sobre a importância do solo no ambiente escolar como estratégia aproximada dos saberes e da promoção formativa de uma consciência pedológica. No vigésimo quinto capítulo, o Canto Coral é discutido como atividade integradora e socializadora para os participantes, promovendo, sobretudo, o aprendizado musical.

No vigésimo sexto capítulo, o autor problematiza a condução da dança de salão, além de enfatizar questões acerca da sexualidade, comunicação proxêmica e relações de poder com base em alguns conceitos discutidos no trabalho. No vigésimo sétimo capítulo são apresentados os resultados da pesquisa *A identidade regional e a responsabilidade social como ferramentas para agregar valor na Moda da Serra Gaúcha*. No vigésimo oitavo capítulo, o autor discute e apresenta as influências da Era Digital na produção e recepção literárias na narrativa transmídia. E no vigésimo nono e último capítulo, as autoras refletem sobre as experiências poéticas e discutem as noções estéticas das práticas artísticas humanitárias.

É nessa concepção que a compilação dos vinte e nove capítulos possibilitará a cada leitor e interlocutor desta coletânea compreender que o conhecimento estabelece conexões entre as diferentes áreas do conhecimento. Assim, a produção organizada do conhecimento na experiência dos interlocutores desta Coleção abre caminhos nas finalidades esperadas nas habilidades de leitura, escrita e reflexão.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O LETRAMENTO NA DEFICIÊNCIA VISUAL E AS QUESTÕES DE REVISÃO TEXTUAL EM BRAILLE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8141924041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
FÁBULAS, PROVÉRBIOS: TECITURAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
Jean Brito da Silva	
Lindalva José de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.8141924042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
FANTASIA BRASILEIRA PARA PIANO E ORQUESTRA DE RADAMÉS GNATTALI: RELATO DO PROCESSO DE REDUÇÃO ORQUESTRAL	
Cláudia de Araújo Marques	
DOI 10.22533/at.ed.8141924043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
FRUIÇÃO NA RECEPÇÃO POÉTICA E OS IMPACTOS DA SONORIDADE NESSE PROCESSO	
Lavínia dos Santos Prado	
Letícia Gottardi	
Wilker Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.8141924044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
INTERSECÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E LINGUÍSTICA NO APRENDIZADO DE INGLÊS: UM “INGLÊS BRASILEIRO”	
Victor Carreão	
DOI 10.22533/at.ed.8141924045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>56</b>
INSTALAÇÃO ARTÍSTICA E OS SENTIDOS PRODUZIDOS PELO PÚBLICO: O CORPO COMO LÓCUS DE POSICIONAMENTO POLÍTICO E ESTÉTICO	
Adriana Vaz	
Rossano Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8141924046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>69</b>
METÁFORAS METALINGUÍSTICAS DE EUCLIDES DA CUNHA	
Carlos Antônio Magalhães Guedelha	
DOI 10.22533/at.ed.8141924047	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>83</b>
O I SALÃO GLOBAL DA PRIMAVERA – ARTES PLÁSTICAS: BRASÍLIA E ESTADO DE GOIÁS, 1973 - REALIZAÇÃO REDE GLOBO	
Aguinaldo Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.8141924048	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
O MODELO DE CINEMA DO STUDIO GHIBLI, QUE CONQUISTOU OS JAPONESES	
Luiza Pires Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.8141924049	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>107</b>
O NHEENGATU NO RIO TAPAJÓS: REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA E RESISTÊNCIA POLÍTICA	
Florêncio Almeida Vaz Filho	
Sâmela Ramos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240410	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>123</b>
PROCESSOS INVESTIGATIVOS PARA COMPREENDER AS IMAGENS COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA ARTE	
Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.81419240411	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>135</b>
REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NAS PERSONAGENS CLEDIR E ÉRICA EM <i>O MATADOR</i> , DE PATRÍCIA MELO	
Naira Suzane Soares Almeida	
Algemira de Macedo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240412	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>146</b>
SAMBA DE RAIZ: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DO TESTEMUNHO FEMININO	
Claudia Toldo	
Débora Facin	
DOI 10.22533/at.ed.81419240413	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>161</b>
SILÊNCIOS E SILENCIADOS: O ENSINO DE LITERATURA E OS ALUNOS SURDOS	
Mirian Theyla Ribeiro Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.81419240414	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>175</b>
DORA RIBEIRO: ESBOÇO DA VIDA E OBRA	
Ana Claudia Pinheiro Dias Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.81419240415	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>192</b>
<i>SOBREVIVENDO NO INFERNO</i> : DE ONDE VEM O RACIONAIS?	
Rodrigo Estrella Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240416	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>205</b>
VERACIDADE E VEROSSIMILHANÇA N'O <i>MUNDO DE AISHA</i>	
Antonio do Rego Barros Neto	
DOI 10.22533/at.ed.81419240417	

<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>222</b>
UM OLHAR DIALÓGICO PARA A MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL DE ESTUDANTES BRASILEIROS	
Vilton Soares de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.81419240418	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>240</b>
A FORÇA DAS PALAVRAS: OS SENTIDOS DO SUCESSO	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.81419240419	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>250</b>
A CULTURA AFRICANA: CASO DA REPÚBLICA DO TOGO	
Omar Ouro-Salim	
José Eduardo Machado Barroso	
Marcela Cabral Mendes Barroso	
Fausto Teodoro Neves	
DOI 10.22533/at.ed.81419240420	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>262</b>
A JORNADA DO HERÓI COMO MÉTODOLOGIA DE PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA	
Ítalo Franco Costa	
Cláudia Mariza Mattos Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.81419240421	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>272</b>
A LUTA CONTRA A DITADURA DO TEATRO BRASILEIRO: AUGUSTO BOAL E A <i>PRIMEIRA FEIRA PAULISTA DE OPINIÃO</i>	
Daniele Severi	
DOI 10.22533/at.ed.81419240422	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>284</b>
A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E A CRÍTICA SOCIAL PRESENTES NA PRODUÇÃO POÉTICA SANTOMENSE DE AUTORIA FEMININA	
Susane Martins Ribeiro Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240423	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>296</b>
O TEATRO DE FANTOCHES COMO PRÁTICA SIGNIFICATIVA PARA CONTEXTUALIZAR O TEMA SOLO EM SALA DE AULA	
José Ray Martins Farias	
Josiele Carlos Fortunato	
Paulo Cesar Batista de Farias	
Ivson de Sousa Barbosa	
Francisco Laires Cavalcante	
Adriana de Fátima Meira Vital	
DOI 10.22533/at.ed.81419240424	

<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>307</b>
CANTO CORAL COMO AGENTE DE INTERAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO	
Karen Zeferino Andréia Anhezini da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240425	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>312</b>
DANÇA DE SALÃO E NOVOS CONCEITOS DE CONDUÇÃO: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA SEXUALIDADE, COMUNICAÇÃO PROXÊMICA E RELAÇÕES DE PODER	
Bruno Blois Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240426	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>325</b>
TECENDO A IDENTIDADE PARA POTENCIALIZAR A SUSTENTABILIDADE DAS EMPRESAS LOCAIS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Mercedes Lusa Manfredini Bernardete Lenita Sisuin Venzon	
DOI 10.22533/at.ed.81419240427	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>334</b>
“O MENINO QUE SOBREVIVEU”: O FENÔMENO <i>HARRY POTTER</i> NA ERA DIGITAL	
Fellip Agner Trindade Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.81419240428	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>342</b>
CAMINHAR, UM MÉTODO POÉTICO (BRASÍLIA)	
Tatiana Vieira Terra Karina e Silva Dias	
DOI 10.22533/at.ed.81419240429	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>354</b>
O CABRA E A QUESTÃO CULTURAL NAS METÁFORAS ANIMAIS	
Fernanda Carneiro Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.81419240430	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>366</b>

## CAMINHAR, UM MÉTODO POÉTICO (BRASÍLIA)

### Tatiana Vieira Terra

Universidade de Brasília - UnB – Instituto de Artes  
- IdA, Brasília - DF.

### Karina e Silva Dias

Universidade de Brasília - UnB - Instituto de Artes  
- IdA, Brasília - DF.

**RESUMO:** Este artigo implica possibilidades de transformações das relações que se tem entre o habitante e o espaço habitado pela ação da caminhada. Revelando práticas artísticas nascidas a partir das vivências na cidade, quando ela é percorrida pelo corpo desacelerado, passo a passo, o caminho da rotina. Apresenta experiências que se tornam estéticas pelas considerações de que uma cidade se apresenta mutável ao longo do movimento de quem a percorre. As transformações são motivadas pelas relações fenomenológicas que se dão entre espaço, paisagem e caminhada. Como ponto de partida traz a caminhada como instauradora de outra relação espaço-temporal, pela lentidão de sua cadência e retoma seu lugar de catalisadora poética, aquela presente nos espíritos nômades, evidente em filósofos, escritores, poetas e artistas que adotam esta prática como forma de compreender o espaço percorrido. Revela a cidade de Brasília com ênfase nas escalas Bucólica e Residencial pela representação do pensamento estético e

ético para a cidade, por seu idealizador Lucio Costa. Nesta perspectiva, as possibilidades de caminhar desperta o desejo de ver e fazer do deslocamento cotidiano a ocasião para experimentar a sua paisagem como descoberta primeira e desejos de novas perspectivas, para que artistas-viajantes desse cotidiano tenham a disponibilidade e a vocação de se deixarem levar pelo destino extra-ordinário. Desse movimento emerge a prática artística das autoras e o caminhar encontra então, seu lugar como método poético.

**PALAVRAS-CHAVE:** Caminhar, Cidade, Paisagem, Poéticas Contemporâneas

### WALKING, A POETIC METHOD (BRASÍLIA)

**ABSTRACT:** This article implies transformation possibilities of existing relations between inhabitant and the inhabited space through walking. Revealing artistic practices that spring from living experiences in the city, the routine path is covered by the unworried body, walking as synonym of promenading, experiences that become aesthetic by the considerations that a city presents itself changeable through the movement of the one who goes through it. Constant transformation is motivated by phenomenological relations that happen between space, landscape and walking. Walking as an starting point brings an

aspect of the initiator of another space-time relationship because of its slow pace, and also retakes its place as a poetic catalyst that one present in the nomadic spirits, evident in philosophers, writers, poets and artists who adopt this practice as a way of understanding the space they covered. It reveals the city of Brasília with emphasis to the *Bucólica e Residencial* scales related to the aesthetic and ethical thinking of the city projected by Lucio Costa, its idealizer. Through this perspective, the possibilities of walking in this city stirs the desire to see and do, through movement on a daily basis, the occasion to experience its landscape as if it is fresh news as well as the longing for new perspectives, so that the traveler-artists of such daily routine have the availability and vocation to be carried away by one's extra-ordinary destiny. The artistic practice of the authors emerges from this movement and, the act of walking finds its place as a poetic method.

**KEYWORDS:** Walking, City, Landscape, Contemporary Poetics



Figura 1: Grupo Vaga-mundo: poéticas nômades em expedição - Projeto lá onde estiver Fonte: Tatiana Terra

É caminhando que se ganha a profundidade do céu e a cor das árvores

Henry D. Thoreau

*Um tempo comprido em que permaneci na escuta ou em contemplação: a Natureza deu-me então, sem limites, todas as suas cores (...) o que me foi dado, o foi em profusão*

Frédéric Gros

O corpo suspenso, o deslocamento de seu eixo pelo movimento dos pés, o caminhar. Ação que nos leva, em determinado espaço, de um ponto a outro em um movimento que pelos pés percorre todo o corpo, influenciando nos modos de perceber e sentir o espaço percorrido. Caminhar como um método de percepção é aquele que instaura uma outra relação espaço-temporal, pela lentidão de sua cadência, retoma seu lugar de catalisador poético presente nos espíritos nômades, evidente em filósofos, escritores, poetas e artistas que adotam esta prática como forma de compreender e absorver uma zona explorada a pé. Do tratado filosófico sobre a caminhada, feito por Henry David Thoreau (1817-1862), na metade do séc. XIX, até as práticas de grupos e artistas contemporâneos que incorporam às suas ações o caminhar, como Smithson, Serra, o núcleo de pesquisa do laboratório *Stalker* nos territórios de Roma e o grupo Vaga-mundo: poéticas nômades, de Brasília, entre outros, o ato de se movimentar dispondo um pé à frente do outro, registra produções e pensamentos decorrentes do usufruto dos espaços ao ar livre, não só apurando a percepção interna por se estar mais presente na paisagem, como também, pela amplitude perceptiva da visão diante espaços vazios e desérticos, percebidos como ambientes extraordinariamente plurais.

Espaços compreendem modos variáveis de habitar e abarcam arquiteturas de lugares físicos e espaços simbólicos, ou seja, as construções que compreendem matéria e sentido, denominados, por Careri (2013) como *espaços de estar* e *espaços de ir* respectivamente, um que se refere à arquitetura e outro ao nomadismo. Assim, são nos *espaços de ir* que se vaga, como os nômades. São nos espaços do nomadismo que as linhas cartográficas se desmancham e se reconfiguram sistematicamente em um movimento que flui com o caminhante, quando este se dispõe livre a outras formas de ver, conceber e habitar o mundo. São neles que os caminhos se tornam espaços de especulação e exploração e apresentam paisagens cambiantes já que elas são resultantes da interação entre o caminhante e o espaço caminhado, geridas por sensações resgatadas ao estímulo de um diferencial perceptivo de tempo e espaço e da lentidão, ampliando-se nas qualidades do dia e da noite e de todas as coisas que as compõem. Caminhar é convite e condição à desconexão dos compromissos, das obrigações e das cargas excessivas do dia-a-dia, na mais ampla renúncia da rotina para o alcance de novos sentidos, sem a intencionalidade de

rumar para a alteridade (outros mundos, outros semblantes, outras culturas, outras civilizações), (mas) ficar à margem dos mundos civilizados, quaisquer que sejam. (GROS, 2010, p.98)

Cidades pós-modernas e contemporâneas expressam hoje o “aprimoramento” do designo de desenvolvimento social que se iniciou a partir da revolução industrial, com construções que visam enfatizar o poder pela monumentalidade e verticalizações, simulando uma realidade econômica de desenvolvimento e práticas comerciais, como expressão de uma realidade social. A invasão de áreas livres para edificar cada vez mais o que Marc Augé designa por *não-lugares* (AUGÉ, 2012), reflete uma massificação também da personificação humana enquanto corpo expressivo. Lugares

sem identidade para corpos imperceptíveis. Relações espaciais entre corpo e matéria que suspendem sentidos e sensações. Seria possível então alcançar na cidade as condições equivalentes a uma caminhada no campo, junto à natureza? Diante dessa realidade imperante, confrontar a cidade como resgate do corpo é ato de desobediência e de resistência em prol de um encontro mais íntimo do corpo com o corpo e do corpo com a paisagem. Para tanto é indispensável caminhar, vagar, andar sem rumo, viajar. Ser viajante das ruas percorridas, um *viajante/flâneur* que se desloca munido de um olhar alerta e atento aos detalhes, que olha a sua cidade e concebe o mundo a partir do que vê. Deslocar-se na cidade/pensamento é ir, partir, apartar-se, retirar-se, seguir. Andar, caminhar, loco(mo)ver(-se), afinar-se pela interação desacelerada com o espaço, deixando comover-se e assombrar-se tal qual nos surpreendemos nos lugares de arrebatamento e encanto.

## BRASÍLIA

O pensamento utópico que conduziu a concepção da cidade de Brasília era próprio do espírito arquitetônico e urbanístico modernista que prevalecia na época da sua construção. Na transformação do espaço natural em espaço construído, Brasília traz em sua concepção, a singularidade da simbiose dos espaços físicos e simbólicos de acordo com o planejamento proposto pelo urbanista Lucio Costa. A futura cidade que requeria primordialmente a função administrativa como meta para aprovação do seu plano teve sua essência alargada. Lucio Costa entendeu a importância da representatividade de poder que a cidade deveria apresentar, porém não se esqueceu dos que ali estariam: pessoas imersas em uma cidade viva. Para tanto, temos presentes no processo de criação de Lucio Costa matéria e cotidiano, em traços que deixavam claro seu pensamento humanista expresso nas linhas que desenhavam a cidade como um sistema orgânico de planejamento poético. Para ele, a cidade deveria ser "derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional" (COSTA, 1987).

A tradução da cidade de Brasília em escalas urbanas, denominadas Monumental, Gregária, Residencial e Bucólica, surgiu na década de 80, com o documento *Brasília Revisitada*. Resumidamente as quatro escalas se dividem nas expressões das seguintes ordens: a da função cívica (Monumental), a dos espaços de morada (Residencial), a do comércio e lazer (Gregária) e as de extensões livres com gramados, calçadas, bosques e jardins, bem como a presença do céu (Bucólica). No mapa da cidade, a Escala Residencial está presente no eixo arqueado denominado Eixo Rodoviário-Residencial, onde estão as Superquadras e Entrequadras da cidade, e se divide em norte e sul, recebendo os nomes de Asa Norte e Asa Sul. O outro eixo (Leste-Oeste) dá corpo à cidade administrativa e é denominado de Eixo Monumental, pertencente à Escala Monumental, onde se tem as principais edificações arquitetônicas que são exploradas como iconografias da cidade. A quarta escala, a Escala Gregária, se localiza

no centro da cidade, em área que circunda o cruzamento dos eixos e é a escala que concentra os edifícios altos e os setores de Diversões, Comerciais, Autarquias, Bancários, Hoteleiros, Rádio e Televisão Sul e Norte. A Escala bucólica permeia toda a cidade.

Pela disponibilidade de um céu infinito, e existência de túneis das copas verdes das árvores, escolhemos as calçadas que atravessam a Escala Residencial para experimentar a caminhada em Brasília. É neste espaço que encontramos a expressão mais concreta do espaço natural convertido em natureza construída, expressão bucólica no espaço da morada cuja tranquilidade urbana é "assegurada pelo gabarito uniforme de seis pavimentos, o chão livre e acessível a todos através do uso generalizado dos pilotis e o franco predomínio do verde" (COSTA, 1987).

A estrutura de uma Superquadra consiste, em sua maioria, em conjuntos de edifícios residenciais sobre pilotis, circundado por árvores de grande porte em um quadrado de 280x280m. As Superquadradas residenciais, intercaladas pelas Entrequadradas (comércio local, recreio, equipamentos de uso comum) se sucedem, regular e linearmente dispostas ao longo dos 6 km de cada ramo do eixo arqueado - Eixo Rodoviário-Residencial. A escala definida por esta seqüência entrosa-se com a escala monumental não apenas pelo gabarito das edificações como pela definição geométrica do território de cada quadra através da arborização densa da faixa verde que a delimita e lhe confere cunho de "pátio interno" urbano (COSTA, 1987). A existência dos pilotis sob prédios dá continuidade de extensão de área pública e disponibiliza "o livre acesso para todos" diferenciando-se dos condomínios fechados que restringem a circulação e o acesso dos passantes. São áreas sem os tradicionais muros que separam os ambientes de uma urbe. Em Brasília as áreas residenciais são protegidas por árvores de grande porte que ao mesmo tempo em que delimitam o espaço entre a rua e as residências, as protegem dos ventos e do ruído dos automóveis, bem como as abrigam do sol influenciando na temperatura. É nessa área que recentemente foram construídas ciclovias (2015) usadas também pelos pedestres, ainda que a oferta dos calçamentos antigos, mais estreitos e mais próximos aos prédios residenciais, estejam presentes. São pavimentações que se encontram sob túneis de guapuruvus, sibipirunas, pequizeiros, bougainvilles, sucupiras, mangueiras e pata de vaca, bordadas também por jacarandás, ipês e aroeiras, espécies que junto a outras tombadas como patrimônio ecológico, conferem a Brasília o caráter de cidade-parque.

No entanto, nada é imposto aos passantes, e se há a necessidade de um atalho, ele é construído e registrado pela maleabilidade do solo, como um talho esculpido em uma superfície fluida. Surgem aí o que chamamos de *caminhos do desejo*, rastros que indicam que naquele lugar também existe uma passagem. Reorientando o sentido de percurso, os *caminhos do desejo* desmancham a terra flexível pelo gesto daquele que passa, no curso das pegadas, no trânsito da caminhada e transcendem a noção de superfície destinada às calçadas. Calçadas não deixam rastros, não avançam de superfície para percurso. Esses caminhos marcados com os pés caminhantes são

a própria expressão de como o mapa de uma cidade se redesenha e se redefine constantemente pela ação daqueles que experimentam o espaço.

As extensas áreas livres de terras, gramados, jardins e caminhos do *desejo* da Escala Bucólica permeiam a Escala Residencial. A profusão das áreas verdes livres equilibram as áreas edificadas, “levando um pouco da cidade para o campo e (trazendo) um pouco do campo para dentro da cidade” (COSTA, 2001,p.91) na intenção de se criar lugares cômodos e acolhedores privilegiando a conexão humana com o espaço, para um habitar que não se restrinja somente às casas e apartamentos, mas alcance os pátios, as ruas e também o horizonte, no sentido mais generoso sobre o que venha ser a função do urbanismo para Lucio Costa (1987). São universos que frequentemente estão relacionadas às condições silenciosas da solidão e se assemelham à quietude de uma natureza inviolada, onde o que acompanha o caminhante são o verde das árvores, as flores, os pássaros, os cogumelos, os insetos e os vazios, um ambiente onde se escuta “tudo que cochicha baixinho” (GROS, 2010, p.66), quando se contém o ritmo dos passos e se deixa a escuta disponível. Sob essas condições, a experiência de exploração da cidade de Brasília nas Escalas Residencial/Bucólica - a passos lentos - fortalece o conceito do uso do espaço público como espaço do pensamento, universo rico e catalisador de construções poéticas quando explorados por artistas/viajantes/caminhantes.

## CAMINHADA E EXERCÍCIO POÉTICO

Richard Serra e Joan Jones passaram cinco dias percorrendo a pé uma determinada área de King City (Ontario/Canadá) munidos de um mapa topográfico de uma região composta por arvoredos, vales e um pântano, no desejo de estabelecer “uma dialética entre a percepção que se tem do lugar em sua totalidade” (SERRA,2004,p.25) estabelecida, segundo o artista, ao percorrê-lo. A sistemática exploração do espaço consistiu na observação do terreno para instalação de suas esculturas. Os artistas perceberam que as relações de medida do corpo, da obra e do terreno, mudavam constantemente, assim como os horizontes que apareciam e desapareciam conforme as elevações do terreno, concluindo que “a linha como elemento visual, a cada passo, torna-se um verbo transitivo” (SERRA,2004,p.26). Linha que se elevava, se abaixava, se estendia, se contraía e se comprimia, como uma entidade viva que se configura a partir do movimento do corpo no espaço:

Do topo da encosta, olhando de volta para o vale, imagens e pensamentos, que foram iniciados pela consciência de tê-los experimentados, são recordados. Essa é a diferença entre o pensamento abstrato e o pensamento na experiência. O tempo dessa experiência é cumulativo - lento em sua evolução. Uma nova espécie de compreensão é experimentada. Sente-se o terreno como um volume, não como um plano recessivo, pois, deste ponto de vista, o vale se torna abreviado (SERRA, 2014,p.27)

A conclusão de Serra resultante da experimentação nesta região foi sobre o a medida de si perante um terreno indeterminado, visto que

elevações similares " iguais em altura " num campo aberto, num chão plano, deslocam-se tanto horizontal quanto verticalmente em relação à nossa locomoção (...) (e o) centro (...) passa a ser um centro que se move" (SERRA, 2014,p.27).

Mesmo as obras de Serra quando não se configuram como *Site-specific*, remetem à experiência física do lugar, como é o caso de *Delineator* (1974-1975), obra exposta no Museu de Arte Moderna de Nova York na década de 70. A obra consiste em uma placa lisa no chão e outra no teto, delimitando um lugar na sala de exposição, pois é isso que ela revela: o lugar desvelado pelo seu conteúdo, seu caráter e sua estrutura, A compreensão da obra vem a partir da experimentação física do lugar, quando as orientações são percebidas à medida que se caminha em direção ao seu centro, segundo o artista. Ao contrário de Smithson que traz o deserto, campo de exploração para seus trabalhos artísticos, Serra prefere trabalhar na cidade, pois é nela que ele encontra a vulnerabilidade da própria realidade da sua vida, que é urbana (SERRA, 2014).

Cidades são laboratórios ricos em matéria para observações e experimentações e a prática de exploração pelo método da caminhada revela contextos que se aproximam aos temas próprios do âmbito da arte em relação às cidades, como a novas significações de uma localidade (um *ready-made* do espaço), o simulacro, os cheios e vazios e as relações com o inconsciente e a psique humana trazida pelos surrealistas, a psicogeografia e a deriva dos situacionistas, o inesperado no cotidiano das cidades inspirado pelos dadaístas, as bordas, os espaços entrópicos, as margens, a amnésia urbana, entre outros, conforme aponta Careri (2013). Em Roma, o núcleo de pesquisa do laboratório *Stalker (Laboratorio d'Arte Urbana Stalker/ Osservatorio Nomade)* munidos dessas concepções realizam suas ações de interação *in situ* com os fenômenos urbanos feitos a pé. O grupo é dirigido e cofundado pelo arquiteto e professor da *Università degli Studi Roma Tre*, Francesco Careri, e reúne o pensamento e as percepções de um espaço desconhecido, percorrido, atravessado pela caminhada, denominado de *transurbância*. Esse deslocar compreendido como instrumento estético de conhecimento e modificação física do espaço, relaciona-se a uma forma autônoma de se fazer arte, a própria intervenção humana. De forma semelhante, o grupo de Pesquisa Vaga-Mundo: Poéticas Nômades (<https://cargocollective.com/vaga-mundo>) composto de artistas-pesquisadores ligados ao Instituto de Artes da Universidade de Brasília e dirigido pela professora Karina Dias, realiza suas pesquisas poéticas em diversas linguagens artísticas (instalação, vídeo, livro de artista, desenho, pintura, fotografia e instalação sonora), investigando as relações entre o homem e a paisagem, entre a imensidão dos espaços e a singularidade daquele que os percorre. O grupo alinha a prática artística, a reflexão teórica e a experiência em espaços-extremos, no intuito de se construir uma poética nômade surgida do movimento, do deslocamento, a partir de expedições artísticas em vários lugares do mundo (figura 1).



Figura 2: Caminhar é Velejar (noturno)

Fonte: Fernando Sávio de Sousa

Em Brasília, as autoras realizam intervenções a partir de experimentações da cidade pela caminhada. *Caminhar é velejar* (figuras 2 e 3), obra apresentada em 2015, por Tatiana Terra, para as *Coordenadas Vagabundas* (<http://periodicos.unb.br/index.php/metagraphias/article/view/41>) - consiste na instalação de uma linha interrompida de trânsito para pedestre em um lago de um parque de caminhadas. A linha que demarca o espaço da caminhada é transposta para o lago. Remete às formações que organizam o mundo e que quando transposta a um espaço improvável alude ao deslocamento abstrato, para então se repensar distâncias, alcances, extensões, dilatações, raios, graus e medidas. Onde se é impossível caminhar fisicamente, o que se desloca é o pensamento. É o reposicionamento pela contemplação, onde se propõe ver o não visto a partir do desvelamento das imensidões sobrevividas de referências imaginárias, por sentimentos oceânicos que alcançam desmedidas dimensões, pelo silêncio e pela solidão. Como um espaço sem fronteiras, por trás de horizontes, a obra revela-se um atravessamento onde as distâncias são impensadas e os dias medidos pelo movimento da água, da terra e do vento. O caminho do pensamento como a travessia.



Figura 3: Caminhar é Velejar

Fonte: Tatiana Terra

*Trilha* de 2002 (figuras 4 e 5) é uma intervenção na paisagem realizada por Karina Dias que se inscreve em uma proposta de instalar pontos de observação em espaços de circulação, aqueles percorridos cotidianamente. Com dispositivos que refletem a paisagem circundante, o desejo da artista era mostrar, simultaneamente, uma única paisagem que se desdobra em várias, revelar o mesmo que já é duplo, o real e a sua imagem. Seus 25 blocos de madeira revestida por película espelhada foram dispostos de forma que sugerissem um caminho. Uma trilha que se revela como uma pontuação na paisagem, um risco em meio ao traçado monumental da cidade de desenho preciso.

O trabalho tem sua origem na linha constantemente visível, sentida, percebida, percorrida e vivida cotidianamente por seus habitantes. A intervenção foi instalada em um lugar de circulação, onde surgem atalhos que encurtam caminhos e ecoa como um delicado desvio, uma estranha presença retilínea inspirada nos *caminhos do desejo*, nas trilhas espontâneas que atravessam os espaços instituídos da cidade. As superfícies espelhadas dispostas sobre a grama fazem com que, na medida em que o espectador se aproxima, ele se posicione verticalmente em relação à obra, e entre dois céus, o passante/espectador alcança em cada um dos fragmentos o movimento das nuvens e a aparição, dependendo de seu ângulo de visão, de outros pontos da cidade. O céu é uma das características mais singulares de Brasília e o objetivo de projetá-lo sobre a grama, nessa inversão poética, é trabalhar o desejo de se criar, também, um ponto de convergência entre o olhar apressado do condutor e o do passante ofegante que transita pela área da instalação, confrontar o olhar daquele que, do seu veículo, passa velozmente pela obra, incomodado, talvez, pelo o ofuscamento causado pela luz do sol refletida nas superfícies espelhadas.



Figura 4: Trilha

Fonte: Karina Dias

O antagonismo suscitado nesta intervenção, que pelos blocos de superfícies espelhadas refletem respectivamente céu e grama em um mesmo fragmento, cria uma espécie de dobra da nossa visão. Limites que são como pontos cegos, zonas temporariamente inacessíveis ao nosso olhar. Dobras que concentram o espaço da obra e o que se encontra entre a terra e o céu.



Figura 5: Trilha (detalhe)

Fonte: Karina Dias

*Trilha* foi concebida para tocar suavemente o solo e não para se inscrever de maneira incisiva e definitiva no terreno. Sem a intenção de ancorar esse trabalho no espaço, construindo uma base sólida e imutável. Nesse sentido, a leveza foi o ponto de partida para materializar um traçado, uma linha sobre o gramado, um elo entre

o passante e seu espaço, entre o seu trajeto e o percurso da artista. Finalmente, a intervenção poderia ser vista como uma espécie de apropriação poética daquele gesto germinal da concepção de Brasília, sinalizando, por meio da obra, a tomada de posse de um lugar.

Lembramos aqui das intervenções de Richard Long, particularmente em *A line made by walking* (1967) ou *Secant* de Carl Andre (1977), dois trabalhos onde a linha marca o espaço e se transforma ora na cisão que separa, ora no contínuo que atravessa o espaço. Ruptura e continuidade, orientação e fragmentação: "A linha é ao mesmo tempo a primeira e a última coisa, não apenas em pintura, mas também, genericamente, em toda construção" (ANDRE, 2004, p74). Se nos trabalhos desses artistas da *Land Art*, o desaparecimento das intervenções, frequentemente, se dá pelo tempo que a natureza leva para destruí-los e novamente se apropriar do lugar, nesse trabalho sua duração é determinada pela ação dos habitantes da cidade. Acrescentar um detalhe no espaço urbano é, de certa forma, invadir, intrometer-se no meio de uma circulação onde tudo pode acontecer, o que acentua o caráter efêmero do trabalho. Nesse emaranhado de situações possíveis, a obra surge como um detalhe inesperado e a paisagem, como uma presença imprevisível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, o espaço observado converte-se em criação própria e a ele são atribuídas novas significações em uma reconstrução simbólica por recortes e seleções do olhar, em busca da paisagem. As experiências de deslocamento a partir das considerações de que caminhar na cidade de Brasília a torna mutável ao longo do movimento de quem a percorre resultam em práticas artísticas, em que uma cidade-mundo se forma a partir do banal que nos olha. Nesse sentido, reconfigura-se o espaço habitado provocando desejos de ver e fazer do deslocamento no cotidiano a ocasião para experimentar a sua paisagem, como se a descobríssemos pela primeira vez, como um viajante que acessa a cada dia de sua jornada o desconhecido. Desejosos de novas perspectivas, nós, os artistas-viajantes deste cotidiano, cogitamos a disponibilidade e a vocação de nos deixarmos levar pelo próprio destino extra-ordinário, onde o caminhar encontra então seu lugar como método poético.

## REFERÊNCIAS

ANDRE, Carl. *Land Art et Art Environnemental*. Paris: Phaidon, 2004

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 9ªed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. I.ed. Walkscapes: el camminar como practica estética. Tradução Frederico Bonaldo, I.ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

COSTA, Graciete Guerra da. **Regiões Administrativas do Distrito Federal de 1960 a 2011**. Brasília: UnB, 2011.

COSTA, Maria Elisa. **Com a palavra, Lucio Costa**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

GROS, Frédéric. **Caminhar uma filosofia**. São Paulo: È Realizações, 2010.

SERRA, Richard. **Richard Serra: escritos e entrevistas, 1967-2013**. In: ESPADA, Heloísa (Org.). Richard Serra: escritos e entrevistas, 1967-2013. Tradução Paloma Vidal, edição, São Paulo: IMS, 2014. 368. X-Y.CaminharU

COSTA, Lucio. **Brasília Revisitada. 1987**. Disponível em <[https://docgo.net/philosophy-of-money.html?utm\\_source=brasil-revisitada](https://docgo.net/philosophy-of-money.html?utm_source=brasil-revisitada)>. Acesso em: 03/08/2018.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-281-4

